

Acordo automotivo é o novo ponto entre Brasil e Argentina

Paula de Paula e Roberto Dumke

A negociação de renovação do acordo automotivo entre Brasil e Argentina é o mais novo ponto na conturbada relação entre os dois países. Segundo especialistas consultados pelo DCI, a renovação do contrato seria a melhor opção para ambos. O assunto estaria na pauta da próxima cúpula do Mercosul que deveria acontecer no próximo dia 28 mas foi transferida, na última quarta-feira, para o mês de agosto.

Segundo o presidente da Câmara de Comércio Brasil e Argentina (Camabra), Alberto Alzueta, a melhor opção é a renovação do acordo. Ele afirmou ainda que a entidade está se reunindo e recebendo de seus associados sugestões de quais pontos devem ser levados para a pauta discutida em um encontro entre empresários, que antecede o evento oficial.

Para o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan Yabiku, o "cenário bom" seria a prorrogação dos termos vigentes em 2013 por 12 ou 18 meses. Segundo ele, isso daria tempo suficiente para negociar um novo acordo.



Dados da Anfavea apontam que o Brasil tem saldo positivo no comércio de peças e veículos com a Argentina. Em 2012, o Brasil exportou US\$ 9,1 bilhões e importou US\$ 8,1 bilhões, também considerando máquinas agrícolas e rodoviárias.

Empresas

Um outro ponto que tange a relação entre os países é a situação das empresas brasileiras que atuam no país e têm sido afetadas pelas dificuldades econômicas de nosso vizinho. A prova disto é que algumas companhias nacionais como a Vale, a ALL e a Marfrig resolveram tirar parte ou completamente suas operações no país.

Para especialistas consultados pelo DCI a falta de credibilidade dos números oficiais gera insegurança e a desvalorização do câmbio acaba muitas vezes impossibilitando um bom retorno dos investimentos. Segundo o presidente da Camabra, "o problema hoje na Argentina é a falta de transparência dos índices, não está bem clara a inflação real, instituições privadas preveem 27%, da mesma forma os índices de pobreza e desemprego e na parte de execução fiscal há falta de credibilidade".

Dentro dessas diferenças de informações Alzueta citou os valores do câmbio. "A Vale saiu da execução daquela mina de Potássio pois o dólar que o governo indica está entre quatro e quatro e meio pesos enquanto na rua as vendas giram em torno de nove pesos então os investidores têm seus custos reais em medidos por uma base de nove pesos, mas quando você vai investir consegue trocar o retorno a um cambio de quatro", afirmou. Segundo ele, a empresa já tinha investido um total de US\$ 2 bilhões na operação da mina.

A BRF também pretende mudar sua forma de atuar no país juntando em uma única pessoa jurídica as oito empresas que controla na Argentina. Apesar dessa decisão não estar diretamente relacionada com a situação econômica do país, a Quickfood, uma das oito empresas, teve queda em seu faturamento que passou de US\$ 307,9 milhões entre julho de 2011 e março de 2012 para US\$ 280,4 bilhões entre julho de 2012 e março de 2013.

Vantagem

Uma empresa brasileira que está vendo a questão cambial da Argentina como positiva é a companhia de intercâmbios EducAR. Segundo a sócia-diretora da empresa, Ana Cunha, "não fomos afetados pela questão econômica da Argentina, nós estamos com uma vantagem cambial, os nossos estudantes conseguem multiplicar o dinheiro".

A empresa aérea Gol também ainda não sentiu a crise Argentina. De acordo com Diego Hejeij, Gerente Comercial Internacional da empresa, a Argentina é atualmente um dos principais destinos internacionais da companhia e que a operação passou de dois voos diários em 2004 para onze neste ano.

Fonte: DCI, São Paulo, 7 jun. 2013. Caderno A, p. A3.